

## **Uma análise crítico-discursiva acerca do empoderamento feminino na canção “*Eu sou problema meu*” à luz da sequência didática de Rildo Cosson**

**A critical-discursive analysis about female empowerment in the song “*I am my problem*” in the light of Rildo Cosson’s didactic sequence**

**Un análisis crítico-discursivo sobre el empoderamiento femenino en la canción “*Soy mi problema*” a la luz de la secuencia didáctica de Rildo Cosson**

Recebido: 18/04/2021 | Revisado: 26/04/2021 | Aceito: 30/04/2021 | Publicado: 14/05/2021

**Nice Vânia Machado Rodrigues Valadares**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9433-3513>

Secretaria do Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe, Brasil

E-mail: nicevania@icloud.com

**José Batista de Souza**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9722-8818>

Faculdade do Nordeste da Bahia, Brasil

E-mail: batistinhadesouza@gmail.com

**Tainah dos Santos Carvalho**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2516-0380>

Faculdade do Nordeste da Bahia, Brasil

E-mail: santostainah70@gmail.com

### **Resumo**

O empoderamento feminino, algo pelo qual as mulheres já vêm lutando há muito tempo, é algo que infelizmente não acontece na mesma proporção dos esforços empreendidos por elas. Mesmo que as mulheres se destaquem na sociedade já há muito tempo, a partir de muita luta, ocupando espaços antes destinados exclusivamente ao público masculino, ainda se percebe as dificuldades femininas na consolidação de sua independência e na conquista da igualdade de direitos entre os gêneros, o que acaba fortalecendo as mulheres a continuarem na luta. Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar, sob um viés crítico-discursivo, o empoderamento feminino na canção *Eu sou problema meu*, de Clarice Falcão, para a partir desta análise, sugerir uma proposta de sequência didática a professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, especificamente do 9º ano, com a referida temática. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, a partir da revisão da literatura, analisada a partir de um referencial teórico apropriado ao tema em questão. Como resultados da análise, percebemos que, embora ainda existam nos comportamentos masculinos e femininos traços de uma sociedade patriarcal e machista, as mulheres têm encontrado seu espaço na sociedade e têm levantado a bandeira do empoderamento, mostrando para o homem que são livres e que conhecem o seu lugar na sociedade. Assim, concluímos que a luta pelo empoderamento feminino é algo que deve ser fortalecido a cada dia e que as mulheres precisam se unir ainda mais para o fortalecimento dessa luta.

**Palavras-chave:** Discursos; Dominação masculina; Empoderamento feminino; Violência simbólica.

### **Abstract**

Female empowerment, something that women have been fighting for a long time, is something that unfortunately does not happen in the same proportion of the efforts undertaken by them. Even though women have stood out in society for a long time, after a lot of struggle, occupying spaces previously destined exclusively to the male audience, there are still women’s difficulties in consolidating their independence and in achieving equal rights between genders, which ends up empowering women to continue in the struggle. Thus, this article aims to analyze, under a critical-discursive bias, the female empowerment in the song *I am my problem*, by Clarice Falcão, to suggest, from this analysis, a didactic sequence proposal to Portuguese Language Teachers of Elementary School, specifically from the 9th grade, with the aforementioned theme. This is a bibliographic research, based on a literature review, analyzed from a theoretical framework appropriate to the topic in question. As a result of the analysis, we realized that, although there are still traces of male and female behavior in a patriarchal and sexist society, women have found their place in society and have raised the banner of empowerment, showing men that they are free and know their place in society. Thus, we conclude that the struggle for female empowerment is something that must be strengthened every day and that women need to unite even more in order to strengthen this struggle.

**Keywords:** Speeches; Male domination; Female empowerment; Symbolic violence.

### Resumen

El empoderamiento femenino, algo por lo que las mujeres llevan mucho tiempo luchando, es algo que lamentablemente no ocurre en la misma proporción de los esfuerzos que realizan. Si bien las mujeres se han destacado en la sociedad durante mucho tiempo, después de mucha lucha, ocupando espacios antes destinados exclusivamente al público masculino, aún persisten las dificultades de las mujeres para consolidar su independencia y lograr la igualdad de derechos entre géneros, lo que termina empoderando mujeres para seguir en la lucha. Así, este artículo tiene como objetivo analizar, bajo un sesgo crítico-discursivo, el empoderamiento femenino en la canción *Yo soy mi problema*, de Clarice Falcão, para sugerir, a partir de este análisis, una propuesta de secuencia didáctica para los Maestros de Enseñanza de Lengua Portuguesa de Primaria II, específicamente del 9º grado, con la temática antes mencionada. Se trata de una investigación bibliográfica, basada en una revisión de la literatura, analizada desde un marco teórico adecuado al tema en cuestión. Como resultado del análisis, nos dimos cuenta de que, si bien aún existen vestigios de una sociedad patriarcal y sexista en los comportamientos masculinos y femeninos, las mujeres han encontrado su lugar en la sociedad y han levantado la bandera del empoderamiento, mostrando a los hombres que son libres y libres conocer su lugar en la sociedad. Así, concluimos que la lucha por el empoderamiento de la mujer es algo que debe fortalecerse día a día y que las mujeres necesitan unir aún más para fortalecer esta lucha.

**Palabras clave:** Discursos; Dominación masculina; Empoderamiento femenino; Violencia simbólica.

## 1. Introdução

Ao observarmos a vida e a rotina das mulheres de hoje, com diversas atribuições sociais, destacando-se as acadêmicas e profissionais, após séculos de dominação masculina, de negação de direitos, e de humilhação pela simples condição de serem mulheres, notamos claramente o quanto a sociedade já se modificou em relação aos direitos de homens e mulheres, se comparado a outras épocas, e o quanto o “sexo frágil” tem provado que nada tem de frágil. No entanto, mesmo com avanços significativos, a mulher precisa lutar cotidianamente para ratificar seu lugar na sociedade, para mostrar que é importante e, assim como o homem, merece respeito. É nesse contexto que emerge a ideia de empoderamento feminino.

O empoderamento feminino, termo muito em voga no contexto atual, não é tão recente quanto se pensa, tendo surgido no século XIX, a partir da luta de um movimento político, social e filosófico que tinha como propósito colocar no bojo das discussões sociais questões civis relativas à raça, sendo incorporado pelo público feminino com o objetivo de garantir à mulher igualdade de direitos e maior participação social<sup>1</sup>. Ou seja, mesmo que tenha surgido há muito tempo e já tenha demonstrado a sua força, o empoderamento feminino está longe de se consolidar, pois há esforços masculinos no dia a dia tentando impedir o crescimento da mulher, na tentativa de mantê-la submissa, como se ainda vivêssemos numa sociedade patriarcal, na qual sua condição é apenas a de dizer sim aos homens (pai e esposo) e sufocar seus próprios sentimentos e opiniões. Assim, “[...] é preciso precaver-se de todas as maneiras contra a mulher, impedi-la de interagir nos processos decisórios, fazer com que ela introjete uma ideologia que a convença de sua própria inferioridade em relação ao homem” (Kramer; Sprenger, 2011, p. 11).

O sistema patriarcal, de acordo com Cunha (2014) é um regime de dominação e subordinação do homem (pai, patriarca, mantenedor e provedor), que detém o poder na família, sendo a autoridade máxima. Nesse cenário, todos da casa devem-lhe obediência plena. Assim, quando solteiras, as mulheres devem obediência ao pai e, quando casadas, ao marido. Nesse modelo patriarcal que perdurou por muito tempo, a mulher era vista pela sociedade como a pessoa responsável por cuidar da casa e dos filhos, devendo subserviência total ao marido, tendo que fazer-lhe todas as vontades, sem direito de contestar qualquer decisão dele (Castro; Santos; Santos, 2018). A humilhação era algo muito frequente, pois muitas mulheres eram diminuídas e inferiorizadas pelo simples fato de serem mulheres, algo que acabava com a autoestima de muitas delas. A violência contra a mulher era muito grande, não apenas a física, mas principalmente a simbólica, que levava muitas mulheres a acharem que não tinham valor de tanto ouvirem isso dos homens.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.institutoalgar.org.br/educacao/o-empoderamento-feminino/>. Acesso em 12 de abril de 2021.

[...] sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma língua (ou uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou de agir) [...] (Bourdieu, 2012, p. 7-8).

De fato, a violência simbólica, por acontecer de forma invisível e velada, por muito tempo passou despercebida na sociedade. Suas principais vítimas – as mulheres, apesar de sentirem algo diferente em suas relações, a exemplo de um olhar intimidador do marido, um tom de voz acima do normal e frases de desmerecimento, não sabiam que estavam sendo violentadas em seus próprios lares, pois elas enxergavam apenas a violência física.

As mulheres foram inferiorizadas, durante muito tempo porque não tinham direitos: direito ao voto, aos estudos e ao trabalho. Eram sustentadas pelos maridos, logo, dependiam deles econômica e socialmente. Essa dependência fazia com que os homens impusessem às mulheres suas vontades e fizessem elas se sentirem inferiores, algo que mexia muito com o psicológico delas. Discursos como “quem manda aqui sou eu”, “você é apenas uma dona de casa”, “você precisa educar melhor seus/nossos filhos”, “você não precisa trabalhar nem estudar”, “mulher minha não sai sozinha”, entre outros, sempre permearam as relações entre homens e mulheres na sociedade e demarcaram o espaço da classe masculina e da feminina. Esses discursos eram tão fortes e marcavam tanto as mulheres a ponto de caracterizar o que Bourdieu (2012) chamou de violência simbólica.

No contexto supracitado, os homens agrediam e coagiam as mulheres de diferentes formas, mexiam com suas estruturas psicológicas, aproveitando-se do fato de estarem em posição de poder e ainda faziam com que elas se sentissem culpadas, como se fossem inúteis e dependentes e, infelizmente, muitas acabavam acreditando no que os homens queriam que elas acreditassem. O poder masculino de manipulação e dominação fazia muito efeito sobre as mulheres a ponto de elas muitas vezes se anularem e ainda darem razão aos opressores. Nesse caso, “um discurso pode aceitar, implícita ou explicitamente, outro discurso, pode rejeitá-lo, pode repeti-lo num tom irônico ou reverente. Por isso é que o discurso é o espaço da reprodução, do conflito ou da heterogeneidade” (Fiorin, 2002, p. 45).

Um exemplo clássico da violência simbólica ocorre quando uma mulher é assediada ou até mesmo violentada por conta de sua vestimenta, como se sua roupa desse liberdade ao homem de possuí-la. Muitas vezes, quando isso acontece, a própria vítima pode ficar se culpando por ter usado determinada roupa ou por “ter provocado” o homem. Há também o julgamento das próprias mulheres que, movidas por marcas de uma educação machista, tiram a culpa do homem/agressor e a colocam na vítima, ao invés de a defender.

Conforme Barbosa *et al.* (2011), o lugar que a mulher ocupa na família e na esfera social é um elemento fundante para percebermos que a família patriarcal foi um elemento que contribuiu decisivamente para a organização da sociedade que temos hoje – uma sociedade machista e preconceituosa, que insiste em colocar a mulher na posição de ser inferior. Mas enganam-se os que acham que a mulher de hoje vai aceitar os desmandos masculinos sem lutar, pelo contrário, com a força que os movimentos feministas vêm ganhando dia após dia, em âmbito mundial, as mulheres têm se sentido mais fortes e encorajadas a reivindicar seus direitos.

As mulheres de hoje não aceitam mais o mito do “eterno feminismo”, que as colocavam como donzelas ingênuas, caçadoras de maridos, mães absorventes, virgens profissionais e sedutoras. No contexto atual, elas têm como principal objetivo a conquista de sua independência, seja do marido, seja em relação à sociedade. Essa conquista não vem de forma fácil, mas permeada por muitas angústias e dificuldades, afinal, elas foram criadas e educadas por mulheres, assim, seu destino normal

seria o casamento, que as transformaria em objeto de supremacia masculina, mas, elas não querem ser como suas mães, que eram submissas e não faziam qualquer tipo de reivindicação aos maridos. Elas querem ser livres, do mesmo modo que os homens são (Beauvoir, 1967).

De acordo com Batliwala (1997), o empoderamento é um processo que desafia as relações de poder existentes na sociedade, de modo que às mulheres sejam dados os mesmos direitos que são dados aos homens, seja no campo das relações sociais seja no das relações profissionais. Não se trata de vantagens, nem de regalias, mas apenas de justiça social, na qual um gênero não se sinta superior ao outro e ambos tenham o mesmo nível de importância na esfera social. Nessa linha de raciocínio, “[...] as mulheres empoderadas são sujeitos sociais e emancipadas capazes de perceberem, refletirem e interpretarem sua realidade social no sentido de, individual e/ou coletivamente, produzirem mudanças significativas para a construção de uma sociedade mais humana e democrática (Alves; Oliveira, 2020, p. 03).

Infelizmente, é muito grande a resistência masculina quando as mulheres buscam a mudança na sociedade, no tocante à igualdade de gêneros, e decidem competir por cargos públicos e, maior ainda é quando elas não aceitam as coisas como estão postas e questionam o poder e os privilégios masculinos instituídos na família e no trabalho. Nesse contexto, a luta das mulheres pelo empoderamento vai muito além de uma disputa um a um (mulher contra homem), desafia as relações patriarcais, ainda impregnadas na sociedade e percebidas através das ações masculinas. Assim, nessa luta incansável pelo empoderamento, as mulheres tiram o tradicional controle que os homens tinham sobre elas, e eles, acabam perdendo o controle sobre seus corpos, sexualidade e mobilidade. Além disso, não podem mais abusar fisicamente das mulheres, sob pena de serem punidos judicialmente (Batliwala, 1997).

Nessa perspectiva, “o empoderamento das mulheres representa um desafio às relações patriarcais garantindo a elas autonomia para controlar o próprio corpo, a sua sexualidade, o seu direito de ir e vir, bem como um repúdio à violência, ao abandono e às decisões unilaterais masculinas que afetam a toda a família” (Mageste; Melo; Ckagnazaroff, 2008, p. 2).

Vale frisar que, numa sociedade onde a mulher luta pelos seus direitos, o romantismo pela conquista de um homem e a ilusão de uma vida feliz com seu amor eterno já não têm tanta importância, pois, após séculos de sujeição, submissão e perda de direitos, “o amor ocupa na vida feminina menor lugar do que sempre se pretendeu. Marido, filhos, lar, prazeres, vida mundana, vaidade, sexualidade, carreira, são muito mais importantes” (Beauvoir, 1967, p. 413).

Assim, corroborando as ideias da autora, as mulheres de hoje valorizam os relacionamentos, mas dentro das condições delas, sendo respeitadas e vistas como seres de direito. E há também aquelas que desprezam o casamento, pois não veem nele servidão, apenas promiscuidade que as repugna (Beauvoir, 1967). No tocante a filhos e lar, elas não perderam o interesse, no entanto, é normal que muitas mulheres tenham seus filhos e lares sem a necessidade de estarem presas a um homem. Elas também têm prazeres, podem gostar da vida mundana e da liberdade de experimentar e desfrutar plenamente da sua sexualidade, assim como fazem os homens, sem que tenham sua moral atacada. Quanto à vaidade, elas não precisam se arrumar para chamar a atenção dos homens, mas simplesmente, para se sentirem bem com elas mesmas. No tocante à carreira, para muitas mulheres é fundamental, é sinônimo de liberdade, de conquista pessoal. Mas isso não significa que elas precisam abrir mão de outras coisas, como do casamento e dos filhos. Elas já mostraram que são fortes o suficiente para dar conta de diferentes atribuições, no entanto, elas querem que os homens entendam que cuidar da casa e dos filhos, numa sociedade com igualdade, é papel também deles.

Desse modo, “o empoderamento é um processo conflituoso porque diz respeito a situações de dominação – explícitas ou implícitas - e à busca de mudanças nas relações de poder existentes e vai progressivamente incorporando os resultados do mesmo” (Mageste; Melo; Ckagnazaroff, 2008, p. 7).

Com base nesse contexto, a questão que nos inquieta é: como podemos perceber o empoderamento feminino na sociedade atual?

Diante do referido questionamento, o presente trabalho, tem como objetivo analisar, sob um viés crítico-discursivo, o empoderamento feminino na canção *Eu sou problema meu*, de Clarice Falcão, para a partir desta análise, sugerir uma proposta de sequência didática (nos moldes de Cosson), a professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, especificamente do 9º ano, com a referida temática.

## 2. Metodologia

Como metodologia, utilizamos a pesquisa bibliográfica que, de acordo com Xavier (2014, p. 48) “[...] é aquela forma de investigação cuja resposta é buscada em informações contidas em [...] bibliotecas reais ou virtuais. O pesquisador faz um levantamento de trabalhos já realizados sobre um determinado tema e cataloga-os a fim de [...] reinterpretar e criticar”. Esse tipo de pesquisa “caracteriza-se pelo exame ou consulta de livros ou documentação escrita [...] para refazer caminhos já percorridos e [...] repensar o mundo [...] é realizada com o intuito de ampliar nossos conhecimentos teóricos acerca de algum assunto”. (Rampazzo; Corrêa, 2008, p. 65). Nesse contexto, utilizamos livros e fizemos buscas na Scielo, no Google Acadêmico e em alguns periódicos que têm temas relativos à mulher no seu escopo.

Quanto à abordagem, optamos pela pesquisa qualitativa, por ela ser, conforme Creswell (2010, p. 26), “um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”. Nesse caso, buscamos entender como a sociedade, principalmente a classe masculina, tem lidado com a luta feminina por seu espaço na sociedade.

*O corpus* de estudo objeto de análise nesta pesquisa é a canção *Eu sou problema meu*, de Clarice Falcão, que se encontra na sequência.

### **Eu sou problema meu (Clarice Falcão)**

Não sei de ninguém que me vendeu  
Por dois camelos pra você  
Em um negócio armado no meio da rua  
Nem cartório algum reconheceu  
Um documento que explicita em papel  
Que legalmente eu sou sua

Quando eu disse sim aquela hora  
Eu disse sim aquela hora  
Eu não disse sim por toda a eternidade  
Eu não sei se você tá por fora  
Mas eu não tenho registro compra e venda  
Feito uma propriedade pessoal

Não me leve a mal, mas você não me tem  
Eu não sou um chapéu no armário de alguém  
Não valho um real, também não valho cem  
Eu sou problema meu

Eu nasci pessoa, gente, eu não nasci coisa  
Eu não sou brinde de criança  
Nem presente de natal  
Não me espere aí na sua estante  
Nem agora, nem por três vezes sem juros  
Nem no seu cheque especial

Não me leve a mal, mas você não me tem  
Eu não sou um chapéu no armário de alguém  
Não valho um real, também não valho cem  
Eu sou problema meu

Não me leve a mal, mas você não me tem  
Eu não sou um chapéu no armário de alguém  
Não valho um real, também não valho cem  
Eu sou problema meu  
Eu sou problema meu

Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rDA302a2lc>. Acesso em 16 de abril de 2021.

### 3. Resultados e Discussão

Ao fazermos uma análise da letra da música, podemos notar a mulher empoderada lutando pelos seus direitos e por sua liberdade, dizendo não ao homem que, durante muito tempo, a via como um objeto pronto para satisfazer seus desejos, principalmente os sexuais. É possível também notar a transição da mulher de uma sociedade patriarcal, na qual devia obediência ao pai (quando solteira) e ao marido (quando casada), para uma sociedade mais igualitária, na qual as mulheres têm voz e vez e podem recusar o que está posto, caso isso as prejudique de alguma forma. Nesse caso, elas podem dizer não aos homens a qualquer momento, pois hoje elas escolhem com quem querem se relacionar.

Na primeira estrofe: *Não sei de ninguém que me vendeu/Por dois camelos pra você/Em um negócio armado no meio da rua/Nem cartório algum reconheceu/Um documento que explicita em papel/Que legalmente eu sou sua*. Nesse trecho, a mulher claramente desconhece aquele que acha que a tem como posse e ergue sua voz para sinalizar que é livre e que não é mercadoria para ser vendida. Podemos perceber explicitamente no trecho em questão uma referência aos famosos casamentos arranjados que marcaram a sociedade patriarcal, quando as mulheres não tinham direito de escolher seu próprio marido e eram obrigadas pelos pais a se casarem com estranhos. Ainda hoje, em países como a Índia, os casamentos são arranjados, tendo o pai que pagar um dote ao futuro esposo da filha. Na Índia, “as mulheres necessitam de apoio para se sentirem pertencentes à sociedade. Apesar de viverem em um país que diz seguir uma Constituição, as mulheres indianas são consideradas cidadãs de segunda classe” (Nussbaum, 2001, p. 04, tradução nossa).

Infelizmente, apesar da incansável luta dos movimentos feministas, em pleno século XXI ainda encontramos esses contrastes em algumas partes do mundo, a exemplo da Índia, mais um sinal de que as mulheres não devem se abater, seguindo firmes na luta, afinal, muito já foi alcançado e, entregar os pontos agora seria aceitar a dominação masculina na sua mais ampla acepção.

Na segunda estrofe: *Quando eu disse sim aquela hora/Eu disse sim aquela hora/Eu não disse sim por toda a eternidade/Eu não sei se você tá por fora/Mas eu não tenho registro compra e venda/Feito uma propriedade pessoal*. A partir desse trecho, percebe-se a recusa da mulher a um homem com quem ela ficou<sup>2</sup> uma vez, mas que não desperta nela nenhum interesse em continuar esse contato. Para ela, ficar, namorar com um homem num momento de vontade, de desejo não se confunde com um relacionamento, nem como nenhum compromisso, tanto é que ela repete, nos versos 2 e 3, que disse sim naquela hora, não por toda a eternidade. Da parte do homem, percebe-se na canção que ele acha que tem algum direito sobre a mulher por ter ficado com ela, por ela ter lhe dado uma certa liberdade. Assim, numa sociedade machista, é comum o homem achar que, quando se relaciona com uma mulher, ela sempre estará disponível para ele, como se fosse um objeto, um corpo

---

<sup>2</sup> Na cultura brasileira, a expressão “**ficar com alguém**” é o estágio anterior ao namoro propriamente dito. **Ficar** designa uma relação afetiva sem compromisso em que, normalmente, não tem associada uma componente de fidelidade, já que a sua natureza é, normalmente, passageira. Pode resumir-se a um encontro de apenas um dia ou uma noite ou prolongar-se por tempo indeterminado, porém, não muito longo.

Disponível em: <https://cursovilabrazil.com.br/portuguesparaestrangeiros/o-que-e-ficar-com-alguem-no-brasil/#:~:text=Na%20cultura%20brasileira%2C%20a%20express%C3%A3o,natureza%20C3%A9%2C%20normalmente%2C%20passageira>. Acesso em 17 de abril de 2021.

dado, à disposição, uma serva sexual pronta para satisfazer seus desejos. Nesse viés, *porque há o direito ao grito, ela grita* (Lispector, 1998), mostrando que não é mercadoria, que não tem proprietário e que é dona do próprio nariz.

Na terceira estrofe: *Não me leve a mal, mas você não me tem/Eu não sou um chapéu no armário de alguém/Não valho um real, também não valho cem/Eu sou problema meu*. Nesse trecho, que tem uma linha de raciocínio complementar à da estrofe anterior, a mulher empoderada, dona de si, ciente dos seu espaço na sociedade, dos seus direitos de escolha, não tem medo algum do homem e afirma que ele não a tem, porque ela não é um objeto, uma propriedade dele nem de nenhum outro homem. No entanto, é necessário enfatizar que, dada a sensibilidade feminina e o respeito que ela tem pelo homem, já que ela também busca o respeito, ela é educada ao dizer: “não me leve a mal”, tentando fazer o homem entender que, se em outras épocas ele tratava a mulher dessa forma, a partir deste momento ele deveria rever seus atos, porque a sociedade hoje é outra e as mulheres são totalmente diferentes e não estão dispostas a serem desvalorizadas.

No verso *Eu não sou um chapéu no armário de alguém*, ela sinaliza que não tem vocação para serva, ficando em casa à disposição masculina, tendo que viver arrumada e cheirosa para satisfazer o marido e para ele se sentir bem expondo a bela, prendada e recatada mulher que tem. Ela deve ficar bonita para ela mesma, para se sentir bem. Ela deve estar em sua casa como um dos membros dela, não como alguém sem voz, afinal, ela não é o outro, ela é um também, com direitos, vontades e voz (Beauvoir, 1970).

Quando ela diz: *não valho um real, também não valho cem*, ela sinaliza que não está à venda, que não importa o homem oferecer dinheiro para tê-la porque ela não vai aceitar, afinal, ela não é uma prostituta. Ela aceitará um homem que não pague nada a ela, um homem com quem ela queira se relacionar, nem que seja por uma noite, mas por opção própria. Por isso que o verso mais marcante da canção, que inclusive é o título da mesma é *Eu sou problema meu*, justamente porque qualquer que seja a decisão que ela tomar, qualquer escolha, seja “certa” ou “errada”, o problema é dela, e não diz respeito a ninguém, afinal, numa sociedade na qual a mulher não precisa mais aceitar a dominação masculina, ela não deve satisfação a um homem com que ela não convive.

Na quarta estrofe: *Eu nasci pessoa, gente, eu não nasci coisa/Eu não sou brinde de criança/Nem presente de natal/Não me espere aí na sua estante/Nem agora, nem por três vezes sem juro/Nem no seu cheque especial*. Nesse trecho, a mulher se impõe de forma bem enfática, tentando fazer com que o homem entenda de uma vez por todas que ela não é um objeto, algo que sempre feriu os sentimentos femininos. Ela sinaliza que sua condição de liberta não a permite aceitar mandos e desmandos masculinos.

Assim, numa análise do todo, essa canção apresenta traços marcantes de dois polos opostos: o feminismo e o patriarcalismo. O primeiro, diz respeito à luta feminina pela igualdade de direitos entre os gêneros. O segundo, refere-se a um sistema onde os portadores dos valores e de sua transmissão são homens (Kramer; Sprenger, 2011).

A partir desta análise, podemos observar que essa canção de Clarice Falcão encontra eco na temática do empoderamento feminino discutida neste trabalho, permitindo ao leitor, seja mulher ou homem, perceber a problematização que ela faz na canção para tratar de um tema tão caro à sociedade, em especial, ao público feminino. Mas essa cantora e compositora não trata dessa temática apenas nessa canção. Em suas composições,

[...] são apresentadas diferentes perspectivas do perfil feminino, de uma maneira engraçada e cômica, porém não caricaturada. As mulheres representadas nessas músicas expressam resultados das experiências vivenciadas por ela em seu cotidiano, descortinando a condição feminina na sociedade. São vozes líricas dotadas de segurança, algumas vingativas, outras empoderadas, seguras de si, além daquelas indecisas, dramáticas; personalidades diversas de uma mesma figura multifacetada que tem o direito de ser o que desejar (Soares; Silva; Lendl, 2018, p. 134).

Em suma, Clarice Falcão usa de sua arte para dar voz a tantas mulheres que se encontram na sociedade, com características diversas, com gostos e vontades e, acima de tudo, com o desejo de desfrutar ao máximo da sua liberdade e de desprender-se definitivamente das amarras de uma sociedade machista que, durante muito tempo, colocou a mulher em posição de subalternidade. Assim, “a célula elementar das relações violentas, portanto, são as relações de gênero por serem o protótipo das relações hierárquicas [...]” (Almeida, 2004, p. 236). Dessa forma, a luta feminina precisa continuar com toda a força.

### 3.1 A sequência Didática

A proposta de sequência didática que segue mais adiante, foi desenvolvida de acordo com o modelo de leitura proposto por Cosson (2011). Esse modelo é constituído por quatro etapas que, realizadas de forma bem planejada e contextualizada, pode ser um elemento motivador para os alunos se interessarem mais pela leitura e por discutirem coletivamente os textos que leem de forma mais aprofundada. Na Figura 1 podemos ver os quatro passos do modelo de leitura proposto por Cosson.

**Figura 1:** Modelo de leitura de Cosson.



Fonte: Adaptado de Cosson (2011).

De acordo com o modelo de leitura proposto por Cosson (2011), existe uma sequência didática com quatro etapas que juntas e nesta sequência, ajudam o professor a ministrar boas aulas de leitura, com bastante diversificação e contextualização. Trata-se de um modelo de leitura mais dinâmico, que foge daquele modelo de leitura tradicional de entregar um texto aos alunos e pedirem que eles leiam silenciosamente ou em voz alta. Na proposta desse autor, é preciso haver um “ritual” para que a leitura faça mais sentido e desperte o gosto dos alunos, de modo que, quando estiverem sozinhos, eles consigam ler um texto e, após a leitura, pensarem sobre ele, ao invés de simplesmente fecharem o livro, como se a leitura fosse apenas o processo de decodificação.

A sequência didática abaixo visa ampliar as possibilidades de análise crítica dos alunos, mostrando a eles a existência de diferentes discursos presentes no seio social, principalmente no ambiente doméstico do qual eles fazem parte e nos quais muitos discursos machistas são proferidos diariamente em sua presença.

A partir da música *Eu sou problema meu*, de Clarice Falcão, buscamos fazer uma análise do ponto de vista crítico e discursivo, a respeito dos discursos enraizados no ambiente doméstico e do empoderamento feminino. Para isso, além da música e sua letra, serão utilizados, vídeo para discutir o empoderamento feminino no contexto atual, abordando a independência e a força feminina. Além disso, os alunos serão incentivados a produzir uma HQ, como produto final, fazendo reflexões sobre os discursos utilizados no ambiente doméstico, de forma geral, e de forma mais específica, em seus lares. As



atividades que serão desenvolvidas na sequência didática estimulam o raciocínio e a habilidade interpretativa, ampliam o conhecimento e as potencialidades dos alunos, além de expandir o discernimento crítico.

### **Sequência Didática**

#### **Objetivo Geral:**

- ✚ Desenvolver no alunado o discernimento crítico para distinguir e entender os sentidos expressos nos discursos presentes no seio social, principalmente os presentes no ambiente doméstico, tendo como suporte temático o empoderamento feminino, a luta pela igualdade no lar e no seio social.

#### **Objetivos Específicos:**

- ✓ Compreender o que são discursos e seu papel na sociedade;
- ✓ debater temas como o empoderamento feminino, a manipulação masculina no ambiente doméstico e o conformismo acentuado de mulheres que foram submetidas aos discursos de dominação masculina;
- ✓ identificar, após a exibição do vídeo, a situação das mulheres e o sentimento de impotência perceptível em algumas, que não conseguem o empoderamento em virtude dos discursos enraizados no ambiente doméstico;
- ✓ identificar a semanticidade presente na letra da música e o discurso de empoderamento feminino;
- ✓ relacionar a falsa liberdade que temos atualmente no ambiente doméstico e o conformismo feminino diante dos discursos masculinos;
- ✓ entender o fenômeno discursivo, situando o elo feminino e o masculino no meio social;

**Gênero:** música.

**Tema:** Reflexão crítico-discursiva da música *Eu sou problema meu*, de Clarice Falcão, a partir da perspectiva do empoderamento feminino.

**Público- alvo:** alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II.

**Número de aulas:** sete.

**Recursos utilizados:** folha sulfite, texto impresso, filme, apagador, lousa, cartazes, pendrive, TV, impressora, computador.

#### **Étapas da sequência didática**

##### **1ª Etapa: Motivação**

##### **1ª Aula:**

O professor, ao iniciar a aula, deve fazer uma abordagem diagnóstica, com o objetivo de verificar o nível de conhecimento dos alunos, ou seja, o conhecimento de mundo deles em relação aos discursos empregados no ambiente doméstico. Com o auxílio de cartazes, que serão expostos no quadro branco, o professor inicia o debate fazendo uma reflexão

sobre a mulher de antes e a mulher de agora. A Figura 2 retrata as “Amélias”, mulheres prendadas que se dedicam ao lar, ao marido e aos filhos.

**Figura 2:** Mulheres do lar.



Fonte: Google imagens (2021).

A Figura 2 mostra mulheres no ambiente doméstico executando atividades diárias. São mulheres que representam bem a sociedade patriarcal machista das décadas de 1930 até 1960, na qual as mulheres devem dedicar-se ao casamento e aos filhos, tendo que zelar da casa, dos filhos e do marido, ficando sempre em último plano. Essas imagens nortearão o início do debate. Ao mostrar as referidas figuras, o professor fará os seguintes questionamentos:

- Como era a mulher de antes?
- Ela podia fazer tudo o que queria?
- Ela podia trabalhar e/ou estudar?
- E a mulher de hoje?
- O que podemos apontar de diferente entre a mulher de antes e a de hoje?

Ao fazer esse último questionamento, o professor mostrará a Figura 3, que demonstra um pouco da evolução do papel da mulher na sociedade.

**Figura 3:** Mulher de hoje.



Fonte: Google imagens.

A Figura 3 mostra mulheres mais modernas e atarefadas, tendo que desempenhar diversas funções ao longo do dia, mesmo assim, essas mulheres, diferentes das mulheres das décadas de 1930 a 1960, conseguem entender que também precisam se cuidar. Fica claro na figura que, mesmo atribuladas, elas se cuidam. É nítida a dedicação das mulheres no ambiente doméstico, tendo que executar várias atividades ao mesmo tempo, como cuidar da casa, da criança e ainda preparar as refeições, ou seja, não negligenciam uma atividade por causa de outra. Mas é possível também ver uma mulher bastante vaidosa, gastando seu tempo com ela mesma, um direcionamento às mulheres de que não se deve deixar de viver e de cultivar a beleza quando se tem filhos.

No entanto, sabemos que esta sobrecarga de atribuições advindas da luta por igualdade tem um peso muito grande no dia a dia da mulher, que precisa provar que não é necessário abandonar a casa e os filhos para exercer o seu direito ao trabalho remunerado. Ao conquistar a igualdade, a mulher teve que se adaptar às diversas atribuições, a fim de atender a todas as demandas atribuídas a elas. Atribuições que são desiguais, sobrecarregando-as de forma excessiva, algo que acaba, em alguns casos, desencadeando diversos problemas como estresse, cansaço físico, mental, entre outros.

A Figura 4 traz uma mulher que ultrapassou um grande limite – firmar seu espaço em uma profissão tipicamente masculina.

**Figura 4:** Mulher piloto – uma conquista grandiosa.



Fonte: Disponível em: <http://canalpiloto.com.br/o-desafio-atual-da-mulher/>.

A Figura 4 é, sem sombra de dúvidas, uma das mais representativas do empoderamento feminino, afinal, quem imaginou um dia uma mulher no comando de um avião? Provavelmente ninguém. No entanto, a partir do momento que a mulher passou a lutar por direitos iguais, ela foi pouco a pouco superando desafios, conquistando seu espaço e mostrando para a sociedade que o lugar dela é onde ela quiser.

Após a exposição da Figura 4, o professor perguntará aos alunos:

- Houve avanços na luta de igualdade pelas mulheres?
- As mulheres conquistaram seu espaço no mercado de trabalho?
- Os homens estão acompanhando as evoluções femininas?
- Eles estão respeitando o espaço conquistado pelas mulheres?
- E no ambiente doméstico, qual a relação entre o homem e a mulher no que se refere à igualdade de responsabilidades no lar?
- Os homens têm permitido às mulheres exercerem suas profissões, progredirem nos estudos e socialmente?
- Quais são os discursos utilizados pelos homens no ambiente doméstico em relação às atividades executadas pelas mulheres?
- Existe igualdade de participação nos lares brasileiros?

**Figura 5:** Divisão de tarefas no ambiente doméstico.



Fonte: Disponível em: <http://folhadealagoas.com.br/porta/2018/04/18/sobe-percentual-de-homens-que-fazem-tarefas-domesticas-diz-ibge/>

A Figura 5 demonstra a contribuição de alguns homens nos afazeres domésticos, prática que deveria ser executada por todos eles. No entanto, discursos machistas e dominantes, que visam manipular e negar os direitos das mulheres, acabam trazendo desigualdade e sobrecarga de atividades para o público feminino. Portanto, os questionamentos feitos acima, nesta etapa da motivação, sinalizam o que os professores devem fazer ao iniciar essa proposta didática de Cosson (2011). Esse debate desenvolverá no alunado uma nova percepção sobre a importância da mulher, suas lutas por igualdade, a presença do machismo no ambiente doméstico e de discursos que afetam a dignidade e progressão profissional e social feminina.

Duração: 50 minutos.

## **2ª Etapa: Introdução**

### **2ª Aula:**

Na segunda aula, o professor explicará aos alunos o que são discursos, a existência deles na sociedade e como eles podem interferir diretamente na vida dos indivíduos. Essa etapa será executada por meio da exposição oral do docente.

Duração: 50 minutos.

### **3ª Aula:**

Após os alunos conhecerem o conceito de discurso e seus aspectos, eles assistirão a um vídeo que trata do empoderamento feminino e da luta pela igualdade de direitos. Trata-se de um vídeo centrado na jornalista Ana Paula Padrão, através do qual ela faz uma abordagem sobre o empoderamento feminino, sobre a vida, como aproveitá-la, e a busca pela felicidade. Ela mostra preocupação com questões de gênero, retrata as privações que passou por ser mulher, e menciona o trabalho que executa sobre o empoderamento feminino. Declara também que a mulher, infelizmente, faz parte de uma cultura que a vitimiza e a fragiliza, então cabe a ela, encontrar o poder que tem, sem necessitar do outro.

A jornalista passou por vários momentos difíceis, sendo muitas vezes desacreditada. Muitas pessoas diziam que ela não seria jornalista, que não entraria no Afeganistão por ser mulher, entre outras coisas, e mesmo assim, venceu com

persistência e perseverança todos os problemas e se tornou uma das jornalistas mais gabaritadas do Brasil. O vídeo da figura 6 retrata uma discussão sobre empoderamento feminino.

**Figura 6:** Ana Paula Padrão sobre empoderamento feminino.



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7BLhgQ06INI>

Duração: 50 minutos.

#### **4ª AULA:**

Nessa aula, o professor fará uma abordagem sobre os discursos ouvidos pelos alunos no ambiente doméstico. O professor começará fazendo provocações aos alunos, para que eles sintam-se confortáveis em falar sobre os discursos ouvidos em casa, relacionados à liberdade de suas mães. Então, o professor emitirá vários questionamentos sobre a liberdade presente nos lares dos alunos, como por exemplo, se a mãe deles tem liberdade para estudar, trabalhar, viajar, etc. Se o pai a ajuda nas atividades domésticas, se ele a impede de usar um determinado tipo de roupa, entre outros. Ao obter as respostas, o professor conhecerá o perfil dessas famílias e poderá identificar se o perfil de homem opressor, dominador está presente nesses lares.

Duração: 50 minutos.

#### **3ª Etapa: Leitura**

##### **5ª Aula**

Nessa aula, o professor entregará aos alunos a letra da música: “Eu sou problema meu” de Clarice Falcão. Eles ouvirão a música e farão o acompanhamento da letra. O áudio está disponível no site: <https://www.youtube.com/watch?v=rDAd302a2lc> e a letra está presente no site: <https://www.vagalume.com.br/clarice-falcao/eu-sou-problema-meu.html>.

Duração: 50 minutos

#### **4ª Etapa: Interpretação**

##### **6ª Aula:**

Após ouvirem e analisarem a letra da música, os alunos farão um trabalho em grupo de 5 pessoas, tentando explicar a significação da música e relacionar com temáticas já trabalhadas anteriormente, como o empoderamento feminino, os discursos enraizados no universo masculino, a luta feminina, entre outros. Eles terão 40 minutos para fazer uma pesquisa no laboratório de informática da escola e 1 hora para organizarem seus cartazes e outros materiais para a culminância na aula seguinte. O professor ficará à disposição para orientá-los na confecção do material da apresentação.

Duração: 1 hora e 40 minutos.

##### **7ª Aula:**

Como combinado na aula anterior, cada grupo socializará com a turma o trabalho produzido e toda a explicação do que entenderam a partir da música, do empoderamento feminino e da igualdade de direitos entre homens e mulheres na sociedade.

Duração: 50 minutos.

#### **4. Considerações Finais**

A partir da análise crítico-discursiva da música *Eu sou problema meu*, de Clarice Falcão, à luz da sequência didática de Rildo Cosson, objetivo deste trabalho, pudemos concluir que a mulher, depois de tantas lutas e fragilizações, se vê diante de um momento de empoderamento, de valorização, de não aceitação, de ser considerada como objeto pelos homens e até por elas mesmas.

Percebe-se que a mulher, diante do que foi exposto na música, está diante de uma nova realidade, não admitindo discursos enraizados de que ela é propriedade, objeto de domínio masculino. A mulher desenvolve uma percepção de que é livre e não pertence a ninguém. Ela considera-se como dona de si, não permitindo que discursos machistas a fragilize ou a torne inferior.

Ao analisar a letra, é nítido que a mulher tem consciência de que não tinha liberdade para agir, e que agora, não permite que qualquer atitude ou discurso machista tire a sua liberdade de agir e de se sentir livre. A liberdade é uma conquista que se busca há anos. Infelizmente, algumas mulheres não têm ainda a percepção de que estão sendo manipulada pelo cônjuge ou companheiro, muitas vezes, essa percepção não ocorre porque esse comportamento masculino se estende há tantos anos que se tornou algo natural, cultural.

Mas, aos poucos, essa realidade pode se transformar. Isso se dará através de investimentos, da criação de políticas públicas sociais que ajudem no processo de conscientização tanto de homens quanto de mulheres. Precisa-se mudar a percepção masculina de que a mulher é propriedade ou coisa manipulável, e a mulher precisa compreender que ela é um ser livre. Ela não pode admitir que discursos machistas a torne infeliz. Ela tem que lutar pela sua liberdade, para assim, poder voar e conquistar seus objetivos.

## Referências

- Almeida, Tânia Maria Campos de. (2004). As Raízes da Violência na Sociedade Patriarcal. *Sociedade e Estado*, 19 (1), 235-243.
- Alves, Sandra Maria Campos; Oliveira, Gisélia Batista de. (2020). As Contribuições de Paulo Freire para o Empoderamento Feminino no Campo. *Research, Society and Development*, 9, (6), 1-13.
- Barbosa, Milka Alves Correia *et al.* (2011). Mulheres e Patriarcado: Dependência e Submissão nas Casas de Farinha do Agreste Alagoano. *XXXV Encontro da ANPAD*.: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EOR1463.pdf>.
- Batliwala, Srilatha. (1997). El significado del empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos de la acción. In: León, Magdalena. *Poder y empoderamiento das mujeres*. TM Editores.
- Beauvoir, Simone de. (1970). *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. Difusão Europeia do Livro.
- Beauvoir, Simone de. (1967). *O Segundo Sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. Difusão Europeia do Livro.
- Beauvoir, Simone de. (1967). *Memórias de uma Moça Bem-Comportada*. Tradução de Sérgio Milliet. Nova Fronteira.
- Bourdieu, Pierre. (2012). *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Bertrand Brasil.
- Castro, Ana Beatriz Cândido; Santos, Jakciane Simões dos; Santos, Jássira Simões dos. (2018). Gênero, patriarcado, divisão sexual do trabalho e a força de trabalho feminina na sociabilidade capitalista. *VI Seminário CETROS, CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL – desafios para a classe trabalhadora*.
- Cosson, Rildo. (2011). *Texto literário: teoria e prática*. Contexto.
- Creswell, John W. (2010). *Projeto de Pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. Tradução Magda Lopes. Artmed.
- Cunha, Bárbara Madruga. (2014). Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero. *XVI Jornada de iniciação científica de direito da UFPR*. <http://www.direito.ufpr.br>.
- Fiori, José Luiz. (2002). *Linguagem e Ideologia*. Ática.
- Lispector, Clarice. (1998). *A Hora da Estrela*. Rocco.
- Kramer, Heinrich; Sprenger, James. (2011). *O Martelo das Feiticeiras*. Rosa dos Tempos.
- Mageste, Gizelle de Souza; Melo, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; Ckagnazaroff, Ivan Beck. (2008). Empoderamento de mulheres: uma proposta de análise para as organizações. *V Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD*. <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEO548.pdf>.
- Nussbaum, Martha C. (2001). *Women and Human Development: the capabilities approach*. University Press.
- Rampazzo, Sônia Elisete; Corrêa, Fernanda Zanin Mota. (2008). *Desmistificando a Metodologia Científica: guia prático de produção de trabalhos acadêmicos*. Habilis.
- Silva, AD. (2015). Ser homem, ser mulher: as reflexões acerca do entendimento de gênero. In: *Mãe/mulher atrás das grades: a realidade imposta pelo cárcere à família monoparental feminina*. Cultura Acadêmica.
- Soares, Leandro Lopes; Silva, Cássia da; Lendl, Aluizio. (2018). Literatura, Música e as Multifaces do Feminismo nas Canções de Clarice Falcão. In: Giordano, Alessandro *et al.* *Olhares Múltiplos sobre a produção textual*. (2018). Sal da Terra.
- Xavier, Antônio Carlos. (2014). *Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos*. Respel.